

Resenha do livro

“Menos Marx, mais Mises: o liberalismo e a nova direita no Brasil”

ROCHA, Camila. **Menos Marx, mais Mises: o liberalismo e a nova direita no Brasil**. São Paulo: todavia, 2021.



Autor da resenha

Renan Rivaben Pereira

Doutorando em História na
Universidade do Estado de Santa
Catarina – UDESC.

Brasil

renanpereira10@hotmail.com

orcid.org/0000-0002-9972-226X

Para citar esta resenha:

PEREIRA, Renan Rivaben. Resenha do livro “Menos Marx, mais Mises: o liberalismo e a nova direita no Brasil”. **PerCursos**. Florianópolis, v. 23, n. 51, p. 324 - 330, jan./abr. 2022.

DOI: [10.5965/1984724623512022324](https://doi.org/10.5965/1984724623512022324)

<http://dx.doi.org/10.5965/1984724623512022324>

Depois de defender a sua dissertação orientada por André Singer, intelectual filiado ao PT, Camila Rocha se surpreendeu com a quantidade de dissertações e teses sobre partidos e grupos de esquerda e o número irrisório sobre os de direita. Era final de 2013 e Camila apostou que, depois da guinada à esquerda da América Latina, alguma reação viria (BOLETIM DA LIBERDADE, 2021). Em 2015, depois de ingressar no doutorado em Ciência Política pela USP, ela se mudou para o Rio de Janeiro para pesquisar o Instituto Liberal e foi apelidada de “esquerdinha infiltrada” por Cibele Bastos, pessoa a quem o livro está dedicado. No Instituto, as pessoas usavam termos como “chicaguista”, “leftlib” e “ancap” e Camila se sentia como uma Alice que atravessara o espelho ideológico (ROCHA, 2021, p. 7).

Através de metodologia qualitativa que priorizou entrevistas em profundidade, Camila Rocha refez a trajetória do liberalismo no Brasil e analisou o fenômeno mais recente desse espectro político, a nova direita. Além da introdução e das considerações finais, o livro apresenta três capítulos e uma última parte com as biografias dos entrevistados. Sua pesquisa de doutorado, base da publicação, venceu o prêmio de melhor tese da Associação Brasileira de Ciência Política e o prêmio de Destaque USP na área de ciências humanas.

No primeiro capítulo, Camila apontou as divergências entre a “velha” e a “nova” direita no Brasil, sendo a principal o pacto constitucional de 1988. Ainda nesse capítulo, abordou-se a criação das primeiras *think tanks* e o pensamento neoliberal de Friedrich Hayek¹. Segundo Cockett (1995), Hayek não via êxito para as ideias neoliberais na política nos anos de 1950 devido à forte presença do keynesianismo e das ideias coletivistas, até mesmo nos partidos de direita, de maneira que seria melhor propagá-las via instituições não partidárias (*apud* ROCHA, 2018, p. 51)². Conhecidas como “universidades sem aluno” e financiadas, geralmente, por empresários e fundos econômicos, os *think tanks* foram criados para serem uma espécie de vanguardas intelectuais do neoliberalismo. Em 1981,

¹ A respeito das nomenclaturas de grupos e ideais, Camila explica que adotou o termo neoliberal para se referir aos adeptos da Escola de Chicago, *Public Choice* de Virginia e do economista Friedrich Hayek, e o termo ultraliberal para os adeptos do objetivismo, minarquismo, libertarianismo e do anarcocapitalismo.

² Posteriormente, Hayek declarou que gostaria de ter se aproximado do Partido Liberal, porém acabou se tornando mentor do governo Thatcher, na década de 1980, que vinha do Partido Conservador.

Antony Fisher fundaria a *Atlas Network*, instituição que viria a ter a maior rede de *think tanks* pelo mundo. Atualmente, são 71 *think tanks* dessa rede na América Latina.

No capítulo 2, abordou-se a trajetória das ideias de Hayek no Brasil e de como essas estiveram imbricadas ao anticomunismo. Em 2017, no protesto contra a filósofa Judith Butler, no SESC São Paulo, alguns revoltosos usavam vestes eclesiais e pertenciam ao Instituto Plínio Corrêa de Oliveira (IPCO), uma dissidência da antiga Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP). Um dos criadores da TFP, o empresário Adolpho Lindenberg patrocinou, em 1946, a publicação do primeiro livro de Hayek no Brasil. Entre outros adeptos de Hayek, o empresário Ayres Filho fundou em São Paulo, em 1961, o Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais (IPES). A iniciativa se expandiu para outras capitais e reunia militares, empresários e intelectuais. A maioria das publicações dos IPES eram em defesa do livre mercado e a favor da intervenção militar contra o governo Goulart.

Segundo alguns entrevistados de Camila, o governo Castelo Branco representou o auge do liberalismo econômico no país, todavia os militares que o sucederam preferiram o nacional desenvolvimentismo. Após o AI-5, as instituições mais conservadoras ganhavam mais prestígio do que as de caráter liberal e os IPES seriam desativados. O jurista e ex-integralista Miguel Reale, líder do Instituto Brasileiro de Filosofia (IBF), assumiria a reitoria da USP e a Sociedade Convívio se tornaria parceira do Ministério da Educação.

Em 1979, o principal tradutor das obras de Hayek no Brasil, José Stelle, voltava dos Estados Unidos com a intenção de fundar um *think tank*. Em 1983, Stelle conseguiu apoio de um rico empresário do Rio de Janeiro, o canadense Donald Stewart Jr., para fundar o Instituto Liberal (IL). Nessa época, uma carta de empresários contra a ditadura já tinha sido publicada e aqueles antigos membros das instituições conservadoras, como o IBF e o Convívio, passavam a integrar os *think tanks* que se espalhavam. Nas palavras de Adolpho Lindenberg (2017), o IL reunia os mesmos rostos dos anos 60, mas sem “aquele brilho de antes, porque não havia mais aquele perigo imerso do comunismo” (*apud* ROCHA, 2021, p. 37).

No início dos anos 1990, os *think tanks* vivenciaram o auge de suas atividades no país. Além dos ILs e do Instituto de Estudos Empresariais (IEE) de Porto Alegre, destacava-se o Instituto Atlântico (IA) do economista Paulo Rabello de Castro. O IA chegou a ter grande influência dentro do Partido da Frente Liberal (FFL), mas se afastou quando esse anunciou aliança com o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB). Na lista de público elaborada pelo IL de SP, os tucanos foram classificados como *prospects*, ou seja, aqueles com potencial de conversão ao liberalismo. Contudo, no final da década, a partir das privatizações e da estabilização da moeda, os empresários se afastaram dos *think tanks* e esses quase desapareceram por completo, principalmente, depois da morte do empresário Donald Stewart.

No último capítulo, analisa-se o nascimento e ascensão da nova direita que, ao invés de Hayek, esteve mais próxima dos ideais do economista Ludwig von Mises e do combate a chamada “hegemonia cultural esquerdista”. Segundo Rocha (2021), a formação da nova direita começou no segundo mandato do governo Lula e chegou ao poder numa inédita larga frente ultraliberal-conservadora. Sustenta-se a ideia de nova pelas seguintes características: 1) perda do medo de se afirmar como direita; 2) diagnóstico unânime sobre a hegemonia cultural da esquerda na mídia e nas universidades; 3) radicalismo de livre-mercado aliado ao conservadorismo; 4) oposição ao Estado desenhado no pacto de 1988; 5) jovens de classe média, alguns da classe trabalhadora, que militam em espaços alternativos, como as redes sociais; e 6) atuação performática e disruptiva própria de grupos *contra-públicos* da sociedade³.

No primeiro mandato do governo Lula, o Partido dos Trabalhadores (PT) conseguiu que o mercado não mais o enxergasse como ameaça. No segundo, devido ao forte crescimento econômico aliado às políticas de distribuição de renda, Lula aumentaria sua popularidade e aprovação. Apesar do escândalo do mensalão de 2005, ações de opositores não encontravam ressonância na sociedade civil. Nessa conjuntura, a internet

³ Num diálogo com Habermas, Nancy Fraser e outros pensadores, Camila se utilizou do conceito para pensar a nova direita. Originalmente o conceito foi elaborado para as minorias, mas novos estudos, como o de Michel Warner, mostraram que esse tipo de atuação não era exclusividade de grupos oprimidos. Nessa releitura, a subalternidade deixou de ser central na definição e a atuação performática ganhou maior destaque.

serviria como um grande refúgio para antipetistas e convictos das ideias pró-mercado. Entrevistado, o economista e militante da causa liberal, Joel Pinheiro, comentou que é inegável a influência de Olavo de Carvalho sobre liberais e conservadores nesse momento⁴.

Comunidades no *Orkut* – *Liberalismo; Sou de direita, e daí?* e as de Olavo de Carvalho – possibilitaram o encontro e debate de pessoas e ideias, mas também a chance de engajamentos maiores. Em 2008, nasceria o grupo de estudo Dragão do Mar em Fortaleza, o engajamento em prol da criação de um partido ultraliberal – o Partido Líber –, e a formação de chapas universitárias de direita pelo país para disputar diretórios acadêmicos. A criação do Estudantes pela Liberdade (IPL), por Fábio Ostermann, militante no Rio Grande do Sul, representou um avanço nesse sentido. Em 2013, Bernardo Santoro e Fábio Ostermann assumiram a direção do IL do RJ com Rodrigo Constantino na presidência⁵. Essa mudança no IL representou o encontro da nova geração com antigos nomes, porém, diferentemente do que acontecia antes, a empreitada era via rede descentralizada de jovens que conseguiam mobilizar sem dispor de grande aporte financeiro. A respeito da qualidade desse engajamento é válido lembrar que alguns traziam experiência de formação em organizações norte-americanas, como a *Atlas Network* e a *Cato*.

A partir das passeatas de junho de 2013, os grupos digitais pró-mercado passaram a se encontrar nas ruas. As diferenças entre ultraliberais e entusiastas da ditadura militar, como Marcelo Reis da página *Revoltados Online* (ROL), eram incômodas, mas depois da reeleição de Dilma e do avanço das investigações da Lava-Jato, as diferenças foram mitigadas. Os ultraliberais do Movimento Brasil Livre (MBL), organizado também por Fábio Ostermann, e os conservadores do ROL passaram a convocar manifestações juntos

⁴ Em entrevista concedida a Rocha, a tradutora Márcia Xavier de Brito (2018) disse que Olavo era um jornalista e escritor conhecido apenas num círculo restrito. No final da década de 1990, ele buscou aproximação do IL, mas não causou boa impressão. Depois de tentar outros financiamentos sem sucesso, Olavo criaria o site “Mídia Sem Máscara”, em 2002, e passaria a fazer discursos mais politizados (*apud* ROCHA, 2018, p. 102).

⁵ Bernardo Santoro é formado em direito e atua como professor de economia política. Como membro do PSC, organizou a campanha à presidência do Pastor Everaldo, em 2014, e elaborou o plano de governo de Wilson Witzel para o Estado do Rio de Janeiro, em 2018.

e a ter performances parecidas nas redes e nas ruas. Em 2016, aqueles que advinham do digital aproximaram-se de estruturas partidárias, como o Partido Social Liberal (PSL), o NOVO e o Partido Social Cristão (PSC). Aqueles discursos em defesa das correntes ultraliberais adotaram agora postura mais conservadora e apoiavam figuras como a do Pastor Everaldo e da família Bolsonaro⁶.

Em 2011, Jair Bolsonaro conseguiu barrar, junto com outros deputados, o material escolar do projeto *Escola sem homofobia* e ganhou mais espaço nas redes sociais e canais de TV. Em 2014, o então deputado federal se reelegeu com quatro vezes o número de sua base de votos anterior. Em 2017, o fundador do Instituto IEE em Porto Alegre, Winston Ling, apresentou o economista Paulo Guedes a Bolsonaro e, em 2018, ele foi lançado como o chefe econômico do governo. Com raras exceções, aqueles que emergiram das redes sociais e organizações pró-mercado apoiaram a candidatura do ex-capitão⁷. Logo no início do mandato, ficou claro que o bolsonarismo era um fenômeno político singular, e ainda que muitos tivessem a mesma posição em relação ao modelo de Estado proposto em 1988, a frente ultraliberal-conservadora logo se rompeu.

De relevância imensurável para pesquisadores e aqueles que desejam compreender o cenário político atual, o livro trava embate importante contra ideias prontas como, por exemplo, a de que a militância de direita sempre é endinheirada e inautêntica. Ainda que Camila não tenha mudado sua posição política, ela confessa que atravessar o espelho ideológico a tornou mais democrática e aberta à reflexão diante do outro político. A cientista política destacou que almejou alcançar a mesma sensibilidade em seu trabalho que os historiadores Janaína Cordeiro, Lúcia Grinberg e o Rodrigo Patto Sá Motta tiveram ao pesquisar as direitas no país⁸.

⁶ Exemplo dessa nova postura ideológica foi a publicação do livro *Confissões de um ex-libertário: salvando o liberalismo dos liberais modernos*. Rio de Janeiro: Record, 2018 do economista, militante e escritor Rodrigo Constantino.

⁷ O LIVRES, que tem Fábio Ostermann como uma das lideranças, deixou o PSL com a chegada de Bolsonaro. Hoje o movimento é próximo do NOVO e classificado como liberalismo social ou *leftlib*.

⁸ CORDEIRO, Janaina. *Direitas em Movimento: a Campanha da Mulher pela Democracia e a ditadura no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 2009. GRINBERG, Lucia M. *Partido político ou bode-expiatório: um estudo sobre a Aliança Renovadora Nacional, Arena (1965-1979)*. Rio de Janeiro: Maud, 2009. MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. Rio de Janeiro: Eduff, 2020.

Referências

BOLETIM DA LIBERDADE. Menos Marx, mais Mises!: Live com Camila Rocha, cientista política e autora do livro. 9 de set. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cRLQKVp5rcE>. Acesso em: 3 de nov. 2021.

COCKETT, Richarde. *Thinking the unthinkable: think-tanks and economic counter revolution (1931-1983)*. Londres: HarperCollins, 1995.

ROCHA, Camila. *'Menos Marx, mais Mises': uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018)*. 2018. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

ROCHA, Camila. *Menos Marx, mais Mises: o liberalismo e a nova direita no Brasil*. São Paulo: todavia, 2021.

Recebida em: 13/12/2021

Aprovada em: 15/03/2022

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Centro de Ciências Humanas e da Educação - FAED
Revista PerCursos
Volume 23 - Número 51 - Ano 2022
revistapercursos.faed@udesc.br